

O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES CULTURAIS EM UM CENTRO DE FÉRIAS

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES DIRIGIDAS EM
UM CENTRO DE LAZER

ROSÂNGELA BARBALACCO¹

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é relatar como é feita e quais problemas enfrenta a programação cultural num centro de lazer, no caso, o Sesc de Bertioga. Pretende-se esclarecer como se relacionam duas atividades aparentemente tão próximas, o lazer e atividades culturais, mas que contém cada uma delas suas especificidades. O lazer não é necessariamente composto por atividades culturais, artísticas, mas estas duas atividades tem aspectos em comum e, no caso de uma instituição como o Sesc (Serviço Social do Comércio), elas necessariamente se entrecruzam. Porém, as relações entre esses dois campos nem sempre são harmoniosas, principalmente quando as atividades culturais, aqui definidas como apresentações artísticas (shows, peças de teatro e apresentações de dança) não preenchem totalmente as expectativas de diversão dos hóspedes.

Palavras-chave: Lazer. Cultura. Centro de Férias. Sesc Bertioga.

ABSTRACT

The objective of this present work is to report how it is done and which problems the cultural programming faces in a leisure centre, in this case, SESC Bertioga. It is also, intended to clarify how leisure and cultural activities, which appear to be so closely connected, interrelate even

¹ Aluna do Curso de Pós-Graduação em História da Arte – Teoria e Crítica do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo; graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Metodista, exerce a função de animadora cultural no Sesc São Paulo desde 2006, atuando a partir de 2010 no Centro de Férias – Sesc Bertioga. E-mail: barbalacco@gmail.com.

considering each as having its own specificities. The leisure is not necessarily composed of cultural and artistic activities, even though these two activities have several aspects in common and, in the specific case of an institution such as SESC (Social Service of Commerce), they necessarily intersect. However, the relationship between these two fields is not always harmonious, especially when cultural activities,

defined here as artistic performances (concerts, plays and dance performances) do not live up with the guests' expectations of entertainment.

Keywords: Leisure. Culture. Leisure Centre. Sesc Bertioga.

INTRODUÇÃO

Historicamente a ampliação dos direitos trabalhistas, aqui no Brasil a partir do Estado Novo (1937-45), trouxe consigo a discussão sobre o lazer e o bem-estar dos trabalhadores. O Sesc (Serviço Social do Comércio) de Bertioga foi criado pelo Sindicato do Comércio do Estado de São Paulo em 1948, entidade patronal, para que os comerciários e seus dependentes tivessem um local de lazer ao ar livre.

Ao longo dos anos, além das atividades de contato com a natureza e o meio ambiente, como caminhadas, banhos de mar, jogos e brincadeiras, os técnicos da programação do Sesc introduziram atividades culturais, como apresentações musicais, espetáculos de teatro e dança, oficinas de artes plásticas e saraus para atender aos hóspedes.

O presente artigo pretende apresentar como está sendo feita a programação cultural, quais são suas diretrizes, peculiaridades e objetivos, e também analisar como se comportam os hóspedes do Sesc Bertioga quando convidados a participar de uma atividade cultural como público presente, considerando que o que os leva ao Sesc Bertioga é a possibilidade de desfrutar dos lazeres proporcionados pelo contato com a natureza ou simplesmente do ócio.

Está observação é pertinente, pois nas unidades do Sesc das outras cidades é o público que procura tais atividades culturais, que adquire o ingresso, e que comparecerá à hora marcada para a apresentação. Em uma colônia de férias a atitude é diferente. Em Bertioga, o usuário é um hóspede e muitas vezes não se considera um expectador ou ouvinte. Para atingir tais objetivos, cabe analisar o surgimento do Sesc Bertioga, bem como as noções de lazer e ação cultural desenvolvidas pela instituição.

1. O SURGIMENTO DO SESC BERTIOGA

A vila de Bertioga foi fundada em 1547, ano de construção do Forte de São João (considerada a mais antiga fortificação portuguesa no Brasil), sendo distrito de Santos até se emancipar em 1992. Algumas fontes consideram que o nome Bertioga vem do tupi “buriqui-oca” (morada dos macacos gigantes); outras que se origina também do tupi, mas de “pirati-oca” (morada das tainhas).

A fundação do Sesc Bertioga acontece em 1947, momento em que aquela localidade litorânea inicia o descobrimento de sua vocação atual: o turismo. Ao mesmo tempo a nova legislação trabalhista, promulgada durante o governo de Getúlio Vargas, em 1943, na qual foram consolidados os direitos dos trabalhadores, deu o suporte para que o Sesc decidisse criar um espaço de lazer “voltado para ocupar de maneira educativa as férias dos comerciários” (PEREIRA, 2012, p.19).

De acordo ainda com o mesmo autor, a Colônia do Sesc, destinada a trabalhadores, foi a primeira da América Latina munida de instalações próprias para este tipo de lazer. O Sesc iniciou suas atividades em 1948, baseado em projeto urbanístico do engenheiro Prestes Maia, contando com área total de 80 alqueires, segundo Pereira no livro *Aves do Sesc Bertioga*.

Antes da construção da Estrada Piaçaguera-Guarujá, na década de 70, o acesso à colônia era difícil. Era necessário tomar um barco em Santos, que atravessava o canal até aportar, duas horas depois, no cais de Bertioga, perto do centro da Vila. Os hóspedes do Sesc ainda completavam a jornada, sendo transportados por um caminhão que os deixava na colônia, desde que a maré estivesse baixa. Caso contrário, esperariam algumas horas até a maré baixar e tornar a orla possível de transitar.

Quando foi inaugurado, em 1948, o Sesc Bertioga era composto por 28 casas pré-fabricadas e recebia pouco mais de 200 pessoas. As temporadas duravam 14 dias e todos os hóspedes chegavam e partiam juntos nas barcas da Viação Santense, que fazia a travessia do canal entre Santos e Bertioga.

Nesta época não havia em Bertioga água e esgoto tratados. Assim, a colônia desenvolveu suas próprias estações de tratamento para suprir as necessidades de água. Durante algum tempo compartilhou os recursos hídricos captados com a comunidade local, carente até hoje de infraestrutura urbana adequada. Atualmente, a captação e tratamento de água e esgoto são utilizadas exclusivamente pelo Sesc Bertioga.

Hoje, o Sesc Bertioga tem capacidade para receber cerca de 1000 hóspedes em 50 casas e 11 conjuntos de apartamentos. Está instalado em uma área de aproximadamente 1,2 milhão de metros quadrados que se estende da praia até o sopé da Serra do Mar. As instalações de hospedagem, lazer e serviços ocupam mais de 400 mil metros quadrados, dos quais 38 mil são de área construída.

2. O LAZER NO SESC BERTIOGA

Desde sua fundação o Sesc Bertioiga, originalmente chamado de Colônia de Férias Ruy Fonseca, teve como vocação ocupar o tempo liberado do trabalho dos comerciários. Nos relatórios da época, aparecem os termos *recreação* e *lazer*. O público foco de então era o trabalhador em férias anuais. Para Dumazedier, citando Sebastian de Grazia, o tempo fora-do-trabalho é tão antigo quanto o trabalho, porém o lazer apresenta características da civilização nascida após a revolução industrial. E foi justamente a industrialização brasileira, bem como a consolidação das leis trabalhistas que levou ao surgimento do Sesc Bertioiga.

Atualmente, além do trabalhador em férias, o Sesc Bertioiga recebe trabalhadores que estão de folga e uma grande quantidade de pessoas que já estão aposentadas. Assim cumpre sua missão inicial de ocupar de maneira educativa o tempo sem trabalho. “O lazer não é ociosidade, não suprime o trabalho; o pressupõe. Corresponde a uma liberação do trabalho no fim do dia, da semana, do ano ou da vida de trabalho” (DUMAZEDIER, 1999, p.28).

Para Dumazedier, uma das características desse lazer surgido após a industrialização é que o indivíduo no seu tempo livre tem uma nova necessidade social, a de dispor de si para si mesmo ou de aproveitar de um tempo que antigamente era utilizado parte por atividades impostas pela empresa, parte pelas instituições sócio-espirituais, sócio-políticas ou familiares. Segundo Dumazedier, o lazer tem ainda como função importante a tentativa de fazer com que o indivíduo se desligue temporariamente de suas obrigações.

Esse tempo liberado, vai ser preenchido, desde a sua fundação do Sesc e até o momento atual, com atividades como banhos de mar, caminhadas pela praia, entre outras ações desenvolvidas naturalmente pelos hóspedes. O Sesc também oferece várias atividades dirigidas, esportivas e que envolvam linguagens artísticas, nas quais os hóspedes podem participar livremente. Tais atividades variaram pouco desde a fundação do centro de férias. Essas variações aconteceram mais em decorrência das mudanças culturais em nossa sociedade e das novas necessidades provocadas pela cultura de massa nos indivíduos. E, de acordo com Dumazedier, a observação sociológica revela que o lazer não corresponde às necessidades autênticas das pessoas. Ele explica que existem

interações permanentes com as condições subjetivas e objetivas do mercado econômico que as padronizam, tradições éticas que as censuram ou as canalizam e políticas que tentam manipulá-las.

Assim, em resposta a tais necessidades, o Sesc Bertioga, que até por volta do ano de 2006 não possuía televisores nos aposentos, passou a incluí-los nos quartos. Atualmente, metade dos quartos possuem aparelhos de TV, e a outra metade deve incorporar os aparelhos nos próximos anos. A restrição nos quartos devia-se ao fato do Sesc possuir um cinema que funcionava como televisor coletivo. A ideia inicial dos fundadores e pensadores da colônia sempre foi promover a convivência entre os comerciários, facilitando a socialização. Porém, com o passar dos anos a presença massiva da TV tornou-se tão forte na vida dos brasileiros, que seria impossível manter a restrição, sob pena até mesmo de se perder hóspedes por isso. Assim, a programação televisiva torna-se também um concorrente para as atividades culturais promovidas nos espaços coletivos dos hóspedes.

Atualmente, o Sesc Bertioga oferece atividades que possam ser aproveitadas pela maior parte de hóspedes conjuntamente, sejam eles crianças, jovens ou idosos. Apenas algumas atividades de recreação (jogos e brincadeiras) são dirigidas a determinadas faixas etárias. As atividades como shows, espetáculos de teatro e danças são pensadas para que sejam liberados para todas as idades. O que acontece naturalmente é que, por exemplo, numa apresentação de Teatro para Crianças estão presentes mais crianças com famílias do que casais e jovens solteiros. Estes fatos restringem de alguma maneira o planejamento de uma ação cultural.

Tais apresentações acontecem principalmente no período noturno, na lanchonete, o principal espaço de convivência do Sesc Bertioga. A partir das 19h, o acesso à praia é fechado, por questões de segurança, e poucos hóspedes se aventuram a sair da estrutura do Sesc para passear na cidade de Bertioga. Então, podemos afirmar que para aqueles que não querem ficar nos quartos, a lanchonete é o principal destino.

3. O DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO CULTURAL

A ação do Sesc São Paulo, principalmente a partir da década de 1970, no campo do desenvolvimento das atividades culturais segue o modelo francês. De acordo com o diretor regional do Sesc São Paulo, Danilo dos Santos de Miranda, no prefácio do livro *Privatização da Cultura: a*

intervenção corporativa nas artes desde os anos 80, a ação cultural, como intervenção social, desponta para complementar os níveis insuficientes de escolarização nas propostas de democratização de oportunidades e redução das desigualdades, principalmente da classe operária na Europa do pós-guerra.

O modelo europeu de ação cultural, do qual o francês é o que orienta o trabalho do Sesc, cria e desenvolve centros culturais, programas de formação de adultos, educação pelo lazer, educação permanente, ação e animação cultural. Nos anos 1950 e 1960, logo após a Segunda Guerra Mundial, essas ações orientaram experiências e práticas de desenvolvimento humano.

Porém, antes de tornar-se um modelo estabelecido, o conceito de ação cultural foi sendo moldado por meio de intervenções estatais ou privadas, em atividades culturais ao longo da história da humanidade. De acordo com Cunha, o conceito de ação/animação cultural, como o conhecemos atualmente, surgiu somente no século XX, em decorrência de projetos sociopolíticos concebidos na transição entre os séculos XVIII e XIX. Ele explica que neste momento histórico ocorreu uma ascendência de valores e ideias que tinham em comum a oposição ao absolutismo ao mundo aristocrático e aos seus tradicionais privilégios, com os quais se conservava a estrutura das sociedades tradicionais, assentada na riqueza fundiária.

Até então, as ações de incentivo ou de proteção artísticas e intelectuais encontravam-se restritas aos universos da nobreza, da aristocracia, da Igreja Católica ou do mundo acadêmico; a produção cultural de então constituía símbolo de classe e, prestava-se ao exibicionismo e à propaganda religiosa ou alimentava os círculos da alta cultura. Neste período, a produção de obras era mais estimulada que a difusão, é o que Coelho chama de período patrimonialista: as obras são possuídas e dão status a quem as possuem. A única exceção são as obras públicas das igrejas.

Considerando tal cenário, Cunha explica que no século XIX a ação cultural forjou uma dimensão social até então inédita, influenciada por vários fatores como a mentalidade iluminista, as revoluções francesa e americana, as concessões da burguesia e do liberalismo ascendentes e até mesmo, o espírito romântico de valorização da cultura popular ou folclórica.

A partir de então, as novas relações sociais de produção intelectual e artística tiveram de se adaptar ao formato e às condições do modelo capitalista. Constituiu-se então um sistema de compra e venda de bens abstratos e de objetos artísticos, no qual o autor, agora livre para o mercado, tinha, em contrapartida, os direitos de propriedade da obra ou do processo criativo. Cunha explica que

dessa maneira a produção cultural tornava-se mais dependente de jogos políticos e das forças econômicas, dos mercados.

Neste período expandiu-se o papel dos escritores, professores, artistas, jornalistas, militantes políticos e sindicais que tiveram importante papel na modificação das feições e perspectivas da antiga ação cultural. Tais profissionais imprimiram na ação cultural uma tendência sociopolítica seja sob governos republicanos ou monárquicos, mas sempre grandemente influenciados pela democracia. Logo, a moderna ação cultural surgiu tendo como objetivos alfabetizar o povo para dar-lhe maior flexibilidade social, divulgar as manifestações populares, principalmente as artísticas, e difundir nos meios sociais menos escolarizados alguns elementos ou expressões da alta cultura. Coelho explica que neste momento as instituições culturais passaram a se preocupar mais com as pessoas que entram em contato com a cultura e com a arte.

A ação cultural assumia assim o encargo de uma *educação popular*, também relacionada ao ideal iluminista segundo o qual o povo deveria ser estimulado a romper com o torpor intelectual e apropriar-se das ferramentas do pensamento crítico.

Acredita-se que a inércia intelectual tinha sido uma característica das comunidades camponesas, porém perspectivas muito diferentes abriam-se para as novas classes urbano-industriais. A educação popular seria uma das respostas adequadas àquela situação que foi chamada de “domínio político das massas” caracterizado pela crescente influencia social dessa grande aglomeração e que, por suas manifestações diretas ou por meio de seus representantes, exigia então “a elevação de seu nível histórico”. (CUNHA, 2010, p.38).

Para Coelho, a partir do final da década de 60, principalmente após 68, a ação cultural entre em outro estágio de seu desenvolvimento. Surgem neste período os espaços culturais que procuram, ainda segundo o autor, abrir zonas de desenvolvimento para o indivíduo e sua subjetividade.

Como podemos observar, a ação cultural desenvolve-se juntamente com a produção simbólica humana. Ela pode ser entendida como um modo de difusão de conhecimentos, mas também como uma maneira de criar conhecimento. Atualmente, seria muito difícil definir ação cultural de uma única maneira uma vez que ela está diretamente relacionada com informação e educação, atividades que ganham novo sentido em nosso momento histórico, principalmente por conta das novas tecnologias.

4. A AÇÃO CULTURAL NO SESC BERTIOGA

O centro de férias Sesc Bertiooga tem a difícil tarefa de unir o lazer do comerciário e as diretrizes do Sesc São Paulo no que diz respeito a ação cultural. Para entender tal consideração é preciso recapitular algumas questões sobre o lazer. As atividades artísticas e os espetáculos são considerados por Dumazedier como uma categoria de lazer, quando estas não fazem parte do dia a dia das pessoas. É praticamente impossível introduzi-las em sua rotina num período tão curto de tempo, considerando que atualmente a hospedagem no centro de férias varia de três a sete dias.

Então, na maioria das vezes, os hóspedes procuram nas atividades culturais aquilo que já conhecem. Por exemplo, num show musical, independente do público, não se pode programar um repertório totalmente inédito. Corre-se o risco do show ser feito para uma plateia vazia. “Este caráter hedonístico é tão fundamental que, quando o lazer não proporciona a alegria, a fruição esperada, seu caráter é traído: “não é interessante”, não foi engraçado. O lazer não é então mais, totalmente ele mesmo, é um lazer empobrecido.” (DUMAZEDIER, 1999, p.28).

Podemos afirmar que quanto maior a faixa etária do público, maior a recusa por conteúdos desconhecidos. Essa questão também leva a outra reflexão: quantas dessas pessoas tiveram acesso ao longo de sua vida à shows musicais, espetáculos de dança ou teatro? Com certeza, seus momentos de lazer sempre foram preenchidos com as programações de rádio e TV. E são esses os conteúdos que se apresentam em suas memórias.

Por outro lado, o Sesc, uma instituição privada, reconhecida internacionalmente pela sua atuação na área de ação cultural, tem como dever, introduzir conteúdos diferenciados para o seu público alvo, no caso do Sesc Bertiooga, principalmente do comerciário em férias.

Como afirma Danilo dos Santos de Miranda no prefácio do livro *Privatização da Cultura: a intervenção corporativa nas artes desde os anos 80*, os esforços para democratização devem levar em conta os diferentes repertórios ou o capital cultural que distingue os segmentos culturais. Do contrário, os museus, as salas de espetáculos, as exposições etc. acabarão reunindo sempre segmentos semelhantes de público, mais educados e bem informados, e deixarão de inserir o grande público, que, muitas vezes, não tem a menor identificação com as propostas.

5. DANÇA, MÚSICA E TEATRO

Cabe aqui ressaltar que no caso do Sesc Bertioga, uma unidade de hospedagem, o público é bastante variado e como na média, os brasileiros possuem pouco acesso aos bens culturais, é essa população que recebemos. Considerando esse aspecto que envolve questões da realidade brasileira, a programação do Sesc Bertioga exige muita atenção para equalizar da melhor maneira o que o público quer ver e o que de novo pode ser apresentando, sem grandes choques.

Essa realidade vale para shows musicais, espetáculos de teatro e de dança que compõem a maior parte da programação artística. No caso da dança, o que acontece é muito parecido com o que acontece com a música. Espetáculos que apresentem danças populares ou que mantenham um forte diálogo com as tradições populares, sejam elas brasileiras ou não, bem como espetáculos que apresentem danças de salão são muito bem aceitos. Enquanto que espetáculos que apresentem a dança contemporânea são quase que totalmente rejeitados. Podemos considerar aqui, que para a maioria da população a dança contemporânea é algo inédito, não está presente nos grandes meios de comunicação.

Para trabalhar com esses conteúdos que não fazem parte do repertório da maioria dos hóspedes é possível utilizar algumas estratégias. As apresentações de dança contemporânea, por exemplo, quando realizadas, são curtas e acontecem em espaços menores que a lanchonete, como o café que comporta por volta de 120 pessoas.

O mesmo é feito com apresentações teatrais: caso elas sejam destinadas a adultos, utilizamos um espaço com controle de entrada e distribuição antecipada de convites. Tais ações mostram-se eficientes, principalmente no caso das atividades realizadas no café, pois permitem que o público observe um pouco a apresentação antes de entrar no espaço e se entrar e quiser sair antes do término, não prejudica os artistas e o público, pois é um ambiente mais informal.

Assim, uma das estratégias para introduzir conteúdos até então desconhecidos pelos hóspedes é realizar pequenas apresentações em espaços reduzidos, espaços que permitam a entrada e saída de público, que permitam que o hóspede tome contato com a atividade, de longe, e possa ir aos poucos construindo uma relação com essa linguagem artística.

Desta maneira é possível atingir um dos objetivos da ação cultural praticada pelo Sesc Bertioga qual seja apresentar ao público a possibilidade de entrar em contato tanto com práticas artísticas que ele já conhece como descobrir novas expressões que não faziam parte do seu dia a dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grande desafio da programação cultural do Sesc de Bertioga é manter os parâmetros para uma democratização cultural, tomando cuidado para não ofertar produtos culturais banalizados, o que acontece, por exemplo com os conteúdos da televisão.

Na prática, isso representa não optar pelos caminhos mais fáceis, de maior aceitação pelo público. Representa também um diálogo contínuo com os rumos da arte e da cultura, bem como com os próprios hóspedes, para conhecer seus interesses e visões de mundo.

É preciso ter em mente também, como afirma Coelho, que cultura é o que move o indivíduo ou grupo para longe da indiferença, da indistinção. Ela só é possível pela diferenciação, ou seja, o contrário da cultura de massa. Para atingir tal objetivo ele recomenda que a ação cultural utilize o modo operativo da arte-livre, libertário, questionador para revitalizar laços comunitários corroídos e interiores individuais dilacerados por um cotidiano fragmentante.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Érica. BLANCO, Mauricio. O Sesc e a qualidade de vida dos comerciários: À procura de novos conceitos e marcos teóricos. São Paulo: Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade – Iets, 2004

COELHO. Teixeira. O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CUNHA, Newton. Cultura e Ação Cultural. Uma contribuição a sua história e conceitos. São Paulo: Sesc, 2010.

DUMAZEDIER, J. A revolução cultural do tempo livre. São Paulo: SESC, 1994.

_____. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Estúdio Perspectiva. SESC, 1999.

PEREIRA, Jesus Vazquez. Aves do SESC Bertoga. São Paulo:-SESC SP, 2012.

WU, Chin-tao. Privatização da cultura: a intervenção corporativa na arte desde os anos 1980. São Paulo: Boitempo - Sesc, 2006.